

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Acorda Floripa! Encontros e desencontros na emergência de uma (outra) cidade.

Rafael Damaceno Dias*

Resumo: Florianópolis, entre as décadas de 1970 e 1990, vivenciou um conjunto de transformações que possibilitaram a emergência de uma cidade bastante diferente daquela de períodos anteriores. Uma das mais expressivas se relaciona com a chegada de um grande contingente de novos moradores atraídos tanto por empresas que ali se instalaram quanto pela possibilidade de se viver em um lugar relativamente tranquilo se comparado aos grandes centros urbanos. Pretende-se aqui explorar os encontros e desencontros entre essa população recém chegada na cidade e aquela nascida ou nela já ambientada a partir da imprensa escrita diária, especialmente a partir das colunas sociais de Cacau Menezes e Beto Stodieck.

Palavras - chave: Cidade - Urbanização - Migração

Abstract: Florianópolis, between the decades of 1970 and 1990, had suffered a lot of changes that make possible the emergency of a very different city of that one of the times before. One of the most expressive change is related with the arrive of a big contingent of the new residents attracted by the new companies that came to there, as well as by the possibility of living in a peaceful place if compared with the big urban centers. The intention here is explorer the encounters and divergencies between the new residents and the people that had been born there or the ones that already lived there for a long time, taking the texts of the daily press, especialy the texts of Cacau Menezes and Beto Stodieck.

Keywords: City - Urbanization – Migration

Existe uma Florianópolis apresentada pelos principais jornais de circulação no Estado de Santa Catarina, no período compreendido entre as décadas de 1970 e 1990, como um lugar de rara beleza, tranquilo e onde as violências que caracterizariam as grandes cidades ainda não havia chego. Enfim, uma Florianópolis bastante parecida com aquela que os jovens carinhosamente chamam de Floripa.

Entretanto, em alguns outros espaços nesses mesmos jornais (e nesse período) é possível também perceber a existência de uma outra Florianópolis. Uma cidade com praias poluídas e que recebia criminosos vindos de Estados vizinhos (e ainda de São Paulo e do Rio de Janeiro), enfim uma Florianópolis semelhante àquela apresentada em noticiários policias veiculados no horário do almoço como nos programas de Roberto Salum e de Hélio Costa.

Com relação a essas duas cidades não existia consenso nos jornais sobre qual seria a Florianópolis do futuro: uma cidade que manteria seus traços mais idílicos e antigos, como as paradas para o café no Ponto Chic ou as rodas de carteadado nas mesas ao redor da figueira

* Graduado em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina e mestrando no programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná.

da praça XV de Novembro, ou se seria a cidade dos antigos casarões que começava a ceder lugar aos novos empreendimentos. O certo, todavia, foi que dessas e de outras apostas emergiu a Florianópolis de hoje, entretanto tal não fez sem embates, ora explícitos, ora implícitos, aos quais são possíveis perceber a partir dos periódicos que circularam na cidade no período.

Nesse artigo discutiremos a partir das crônicas sociais de Beto Stodieck e de Cacau Menezes algumas tensões socioculturais que emergiram em dois momentos diferentes da cidade, no período entre os anos 1976 e 1980 e entre os anos de 1992 e 1998. Antes disso algumas palavras sobre a especificidade desses dois colunistas sociais.

Sobre os colunistas

Quando falamos de colunismo social, logo vem a idéia de pessoas que escrevem sobre festas de empresários e de políticos. O que faria com que, no caso de Beto Stodieck e de Cacau Menezes, fosse mais apropriado falar em crônicas sociais, porque suas colunas publicadas nos jornais O Estado e Diário Catarinense, não tratam basicamente disso. Vejamos algumas de suas características.

Começemos pelo colunista sociológico-zoológico como se definia Sérgio Roberto Leite Stodieck, nascido em 1946, filho de Henrique Stodieck e de Maria da Graça Leite Stodieck. No final da década de 1960 cursou Direito no Rio de Janeiro onde trabalhou no “O Jornal” transferindo-se para Florianópolis onde passou a assinar a coluna no jornal “O Estado” em 1971. Beto trabalhou no “O Estado” até 1980 quando teve de sair, segundo ele, devido a um acordo entre a direção do jornal (que passava por uma crise financeira) e o governador de Santa Catarina na época:

Quando aconteceu o incêndio do Abrigo de Menores, eu soltei uma nota sugerindo – inclusive criticando - o comportamento do florianopolitano, que já estava insinuando que era um incêndio absolutamente proporcional ao outro legislativo incêndio, de uns tempos atrás. A nota foi censurada. Ai dizem que esta nota teria sido levada até o Jorge Bornhausen e ele teria afirmado: “Eu já não agüento mais esse cara!” E ai então... (Afinal, 13/05/1980: p 11-12).

Levantaram suspeitas na época de que o incêndio teria sido provocado como forma de desalojar o abrigo porque este era localizado no centro da cidade. E Beto foi um dos que suspeitava disso. Essa é apenas uma das “encrencas” em que Beto se envolveu o que não combina com o perfil de um colunista tradicional.

A própria linguagem de sua coluna foi inovadora na época. Para Celso Martins e para Ney Vidal ambos jornalistas há mais de trinta anos em Florianópolis e que trabalharam

com Beto, o trabalho do cronista foi muito importante: “O Beto foi o principal porque ele rompe com os tradicionais” (MARTINS, 2006). Essa inovação pode ser entendida como uma ruptura com o colunismo tradicional da cidade, representado por Zury Machado que, segundo esses jornalistas, poderia ser efetivamente caracterizado como um colunismo de festas sociais.

O outro colunista contemplado aqui é Cláudio Cacau Menezes. Nascido em Florianópolis em 1955, filho de Manoel de Menezes e de Brasília da Silva Menezes. Apesar de Cacau ter entrado no jornal O Estado depois de Beto, sua carreira como jornalista, segundo ele, teria começado antes: “Eu com treze anos entrei na rádio, antes de treze anos eu era mascote do Avaí. Já gostava de confusão, de público. Dali parti para a carreira” (MENEZES, 2005).

Com relação as suas colunas os jornalistas da cidade enfatizam a proximidade do estilo de Cacau com o de Beto. Mas também ressaltam a presença de outros ingredientes o que impede falar em sucessão:

É um pouco essa herança do Zózimo, é um pouco o estilo do próprio pai dele que gostava de mexer com a coisa das futricas locais, um lado muito ligado à música, ao Showbusiness, essa mistura entre comportamento, entre política, não a política partidária, mas a das relações políticas daqui, mais música. Essa mistura, que o Cacau foi formando, dá ao Cacau hoje, um estilo que você não encontra no país algo parecido (...) (VIDAL, 2005).

Esses são alguns traços de suas trajetórias que permitem afirmar que Beto e Cacau não são colunistas sociais comuns. Mas isso fica mais evidente quando se tenta fazer uma análise de suas crônicas no intuito de se interpretar o que parte da cidade de Florianópolis vivenciava entre as décadas de 1970 e 1990.

Uma cidade em transformação

A partir de meados da década de 1970 Florianópolis vivenciou um conjunto de transformações que alteraram sua paisagem urbana e cultural. A preocupação em consolidar a cidade enquanto capital do Estado, tendo em vista sua fragilidade econômica em relação a outras cidades no período (a arrecadação do município era inferior a de Lages e de Joinville, por exemplo) foi traduzida numa política governamental com a pretensão de modernizar a cidade.

Os projetos de modernização que estavam sendo implementados por diversas cidades brasileiras naquele período (início da década de 1970) foram experimentados em Florianópolis conforme (SANTOS, 1997) com a adoção de um modelo de verticalização da cidade, a partir da derrubada de antigos casarões e da construção de novos edifícios.

Sendo assim, a ponte Colombo Salles foi construída e iniciaram-se as obras dos aterros das Baías Norte e Sul. Entretanto, esse modelo de urbanização que atendia a expectativas de imobiliárias locais foi alvo da crítica de Beto no jornal:

A gente não pode mesmo ter descanso nesta vida. Primeiro derrubaram o Miramar, antigo Trapiche Municipal, onde, antes da construção da Ponte Hercílio Luz, atracavam as lanchas que faziam a travessia ilha-continente. (...) Aqui nessa coluna muito se falou nisso, mas ninguém ligou porque a sanha demolidora e “progressista” (revisão favor não esquecer as aspas que elas são indispensáveis para este tipo de progresso que não ousa declarar seu verdadeiro nome) não tem ouvidos, é cega e surda (O Estado, 16/03/1975: p.24).

Outra característica da modernização da cidade refere-se às transformações advindas da chegada de novos moradores que para Florianópolis haviam se transferido para trabalharem em instituições e empresas que na cidade se instalaram. Nesse período foram instaladas as sedes das principais instituições de ensino superior do Estado, como as reitorias das universidades do Estado e Federal, assim como as sedes de empresas públicas como a Eletrosul Centrais Elétricas S.A. e privadas como a do grupo Rede Brasil Sul de Comunicação (RBS). No caso da chegada desses novos moradores Beto escrevia sobre as tensões provocadas sobre esse súbito movimento:

Com essa estorieta toda aí em relação aos discutidos “de fora” que pra cá vieram a fim de ficar, desafiar e desempenhar em detrimento ao local, o próprio se esqueceu, até, dos eletrosuis “em semelhantes condições”, insinuam os ilhéus. Aí é que se enganam: os eletrosuis já vieram com os seus empregos garantidos – ou melhor, trouxeram o seu serviço – o que, convenhamos, é uma diferença absolutamente distinta.

O problema com relação aos tais eletros, se é que ainda há problema diante das ameaças “dos outros” é aquela empáfia de alguns, aquele pretensão ar de superioridade diante das coisas e pessoas locais, a tal da injustificada comparação que tentam fazer entre as transas cariocas e as nossas, coitadas (...) (O Estado, 25/07/1976: p.23).

Entretanto, o que se pode dizer é que essas tensões se referiram mais a um determinado segmento social de Florianópolis: as parcelas preeminentes da cidade tendo em vista que Beto pertencia a esses setores sociais, não apenas devido sua posição no jornal, mas também porque era filho de duas de suas famílias mais tradicionais da cidade: a família Leite e a família Stodieck. Ou seja, quando Beto escreve contra a chegada de novos moradores e a derrubada de antigas construções, não apenas podemos perceber sua posição contra um tipo de modernização que estava acontecendo, mas também justamente que existia na elite de Florianópolis disputas sobre qual deveria ser a Florianópolis do futuro. Agora vejamos um outro momento da cidade.

Uma outra Florianópolis

O momento vivenciado por Florianópolis e que foi objeto das colunas de Cacau é outro. Nas décadas de 1980 e 1990 a cidade aprofunda as transformações da década passada, agora em meio às tentativas de tornar-se uma metrópole.

Essas décadas conhecidas nacionalmente como as décadas perdidas devido ao pequeno crescimento do PIB em relação ao período do “milagre” possibilitaram a erupção de problemas relacionados com o crescimento de Florianópolis. Emergem com grande força nesse momento as contradições inerentes ao modelo de urbanização adotado (GUERINI, 2000: 32 - 36) e a cidade passa a vivenciar o que as capitais de grande porte como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre já vivenciavam há algum tempo: um trânsito complicado e altas taxas de criminalidade.

O crescimento não atraiu para Florianópolis apenas populações de outras grandes cidades a procura de um lugar com um melhor estilo de vida, longe do tumulto dos grandes centros, atrás da qualidade de vida propagada pelo governo do Estado. Também atraiu pessoas do interior e, de outros estados da federação, em busca de oportunidades mais dignas de vida. Aos antigos moradores das encostas dos morros da Capital e das margens da Via Expressa, que liga a cidade até a BR 101 e a BR 282, vem somar-se um contingente populacional saído do campo e que vê na cidade alguma chance de melhora. Esse crescimento pode ser percebido no quadro abaixo e que mostra que entre 1980 e 2001 a população da cidade cresceu em mais de cinquenta por cento:

Florianópolis	1970	1980	1991	2001	2006
População	138.337	187.871	254.341	342.315	406.564
Incremento populacional		26,3%	26,1%	25,6%	15,8%

Tabela I - Florianópolis: aumento numérico e percentual da população total (1970 – 2006).
Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Nesse período se acentuam as políticas que visavam transformar a cidade num pólo turístico (ASSIS, 2000: 76 - 80). Para receber novos turistas e promover a cidade enquanto tal, os acessos antes precários cederam lugar a estradas, que passaram a ligar as antigas freguesias, agora percebidas como balneários e praias, ao centro da cidade. Desse modo, uma população acostumada com um ritmo tranqüilo se comparado ao tempo frenético das grandes cidades, viu-se diante de uma outra Florianópolis que estava surgindo.

Com a crescente valorização do solo, várias atividades foram segregadas do espaço urbano da cidade como, por exemplo, a Farra do Boi. Os espaços utilizados pelos farristas transformaram-se em loteamentos e ruas para o trânsito de veículos o que não impossibilitou que a prática continuasse a acontecer, todavia envolta cada vez mais em distúrbios e confusões entre aqueles que defendiam sua continuação e aqueles que pediam seu fim.

Aconteceu também durante essa década uma série de modificações na rede econômica que existia na Ilha de Santa Catarina. As antigas unidades de produção foram desarticuladas em função da sua inoperância diante das transformações que aconteciam. A pesca artesanal que era o trabalho de grande parte dos trabalhadores da cidade cedeu lugar ao trabalho na construção civil. Com as culturas agrícolas passou-se o mesmo e os engenhos que produziam cachaça e farinha passam a existir mais como lugares de visitação turística.

No plano político partidário tais transformações implicaram no questionamento de relações estabelecidas na cidade há algum tempo. O que pode ser percebido nas colunas de Cacau: “E vieram os eletrosuis, os tchês, os PTs, os do contra tudo e contra todos, os invasores, os favelados, os poluidores, e muita gente daqui descobre agora que já foi feliz e não sabia” (Diário Catarinense, 03/10/1992: p.28).

Além disso, pode ser verificado nas colunas sociais de Cacau Menezes uma politização da identidade do manezinho da ilha. Antes um termo que possuía uma conotação pejorativa passa a ser utilizado de modo positivo. E na sua utilização um passado idealizado serve para corroborar uma posição política no presente:

Florianópolis se transformou na ilha dos intrusos. É impressionante como tem gente de fora cuspiendo no prato que come. (...) O comodismo dos nativos, a omissão de quem tem que defender seu chão, sua casa, sua cidade, seus símbolos, sua raiz, impedindo as transformações que querem os que agora chegaram, está transformando nossa cidade numa colcha de retalhos ou na casa da sogra. Acorda Floripa (Diário Catarinense, 13/04/1998: p.28).

Desse modo, as recentes transformações acontecidas na cidade possibilitaram a emergência de tensões socioculturais que durante a década de 1980 e 1990 podem ser percebidas no modo de se representar a cidade.

As disputas na cidade hoje

A cidade de Florianópolis continua a atrair grande número de novos moradores e o movimento de especulação imobiliária continua em curso. Pode ser percebido, por exemplo, na construção de mais dois shoppings na cidade, o Iguatemi e o Floripa Shopping. Na cidade

se discutem hoje sobre a ampliação de sua rede hoteleira, da estrutura viária e da reforma do estádio de futebol do Figueirense Futebol Clube como formas de tornar viável a adoção de Florianópolis como uma das sedes da Copa do Mundo de 2014.

Todas essas transformações são acompanhadas de tensões socioculturais que estão presentes em muitos espaços na cidade, como em comunidades no sítio de relacionamento Orkut como o Sai Fora Haole Floripa. Nesse sentido uma leitura dessas tensões a partir das colunas sociais de Beto e de Cacau escritas entre 1970 e 1990 fornece subsídios para interpretar de modo mais consistente disputas que acontecem hoje na cidade.

Referências Bibliográficas

AFINAL. Florianópolis, 13 mai. 1980.

ASSIS, Leonora Portela de. **Planos, Ações e Experiências na transformação da "pacata" Florianópolis em capital turística**. 1v. Dissertação (Mestrado) - UFSC, Florianópolis, 2000.

GUERINI, Eduardo. **Metropolização e Impactos Sócio – Ambientais em Florianópolis (1986 – 1996)**. 1v. Dissertação (Mestrado) - UFSC, Florianópolis, 2000.

DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 03 out. 1992.

DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 13 abr. 1998.

O ESTADO. Florianópolis, 16 mar. 1975.

O ESTADO. Florianópolis, 25 jul. 1976.

SANTOS, Paulo César. **Espaço e memória: o Aterro da Baía Sul e o desencontro marítimo de Florianópolis**. 1v. Dissertação (Mestrado) - UFSC, Florianópolis, 1997.

Depoimentos

MARTINS, Celso. Depoimento concedido ao autor. Florianópolis, 13 mai. 2006.

MENEZES, Cacau. Depoimento concedido ao autor. Florianópolis, 15 nov. 2005.

VIDAL, Ney. Depoimento concedido ao autor. Florianópolis, 11 nov. 2005.